

O HERALDO

Avenida

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS: — LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — J. P. Sousa, — Editor, — L. Franco

Redação, administração, composição, e impressão

ASSINATURAS: — Trimestre 500 réis — COMUNICADOS E ANUNCIOS — Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª página contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

Publica-se ás quartas e sábados

Tipografia Democrática, Rua 1.ª de Dezembro — FARO

HIPOCRISIAS QUE REVOLTAM

A *Alma Algarvia*, nosso colega de Portimão, noticiou que o chefe do distrito, dissolvendo a Comissão municipal administrativa de Lagôa, praticou uma violência.

Veiu á estacada o *Algarve*, apregoando que não concorda com a doutrina de se classificar de violência a dissolução das comissões administrativas, visto que estas, nomeadas pelos governadores civis, são de sua confiança e portanto justo é que se dissolvam quando perderem essa mesma confiança.

Pois não ha duvida de que a dissolução foi uma violência, uma revoltante ilegalidade, que talvez noutros concelhos não permitisse. Uma ilegalidade que não tem justificação absolutamente nenhuma.

Em que se baseia o *Algarve* para declarar que não foi violência o gesto infeliz do governador civil? Bem o sabemos: é no ingenho argumento do que estas comissões administrativas foram de nomeação dos governadores civis. Não as elegeram o povo!!!

E ha quem, baseado nesta edificante ingenuidade, venha defender um arbitrio, uma asneira, um excesso de poder!

E ha jornalistas que, devendo fugitar impiedosamente os que desrespeitam as leis do Estado, cometem a imprudencia de justificar as ilegalidades, os abusos, os indecoros politicos, as infamias dos que, por mal dos nossos pecados, assumem altos poderes administrativos!

E ha homens que, tendo por estrita obrigação a defesa dos principios republicanos, veem autorisar com os seus escritos a desastrosa e cinica influencia das primeiras autoridades!

E quando o paiz, a moralidade do regimen, o dever e a honra dos portuguezes nos impõem o respeito das leis, ainda ha quem aplauda os vicios da monarchia, as velhas immoralidades, os sistemas indecorosos de fazer politica!

Pois se a dissolução da câmara municipal de Lagôa foi uma violencia do governador civil, porque não havemos de dizelo abertamente, sem a menor relutancia, sem o menor reboço?

Se ha quem achinalhe os principios que nos regem, se ha quem por mero capricho ou refinada estupidez venha calcar aos pés ás leis do Estado, porque não havemos de combater energicamente esses maus-homens, essas perigosas autoridades, esses falsos patriotas que não têm pejo de, com o descredito dos seus atos, vir para o teatro da vida politica, a desacreditar o paiz e a bella reputação que felizmente podiamos gosar em todás as nações?

Pois se um ato é mau, nos revolta e nos prejudica; porque não havemos de ser francos, porque não havemos de dizer que o ato é mau, nós revolta e nos prejudica? Para que havemos de ser hypocritas? Que razões poderão obstar a que se não diga a verdade, o que se sente, o que se deve dizer?

Ha um doido, um alucinado, um incompetente, um imbecil que nos seus atos politicos e administrativos só faz disparates e inconveniencias, loucuras e desmandos? Porque havemos de ser encobridores de tão perigosa e irreverente creatura? Porque não imporemos á nossa conciencia a eloquente obrigação, o estrito dever de desmascarar todos os seus erros, todas as suas farças todos os seus crimes?

Ha quem anavalhe perfidamente o legitimo socêgo, a fagueira tranquilidade das familias, roubando ás mulheres e aos filhos os braços que trabalhavam e que os sustentavam?

Para que havemos de levar tão longe a nossa hipocrisia, a ponto de criticar e amaldiçoar quaesquer atos, sem dizer altivamente quem são os homens que os praticaram?

Combatem-se as arbitrariedades que determinaram as sequestrações politicas de Portimão? Acham-se rijamente arbitrarias essas prisões? Porque não havemos de ter independencia bastante para anatematizar quem as ordenou, quem as consentiu? Pois não seria do governador civil a força que representou o arbitrio?

Não ha um governador civil autoritario, desposta, sem criterio, sem educação moral nem politica, um desastrado arlequim todo de vaidades e caprichos, que não mede o alcance do desprezo que lhe cospem á cara e o abandono em que o sepultaram as suas imprudencias e devaneios, as suas immoralidades e delictos? Quem nos obriga a manter silencio para esconder todas as suas monstruosidades?

Se todos estivessemos unidos, se toda a imprensa do *Algarve* cumprisse a elevada missão de vergastar os maus e render homenagem aos bons, nem haveria taes desonras nem tão revoltantes baixezas.

Se todos compreendessemos os nossos deveres de patriotas, se todos fôssemos eguaes na recompensa do bem e na repulsão do crime, nem haveria essa triste degradação politica espalhada por todo o *Algarve*, nem teriamos á frente da nossa administração republicana um rude governador civil que nos atrioça e nos quer entregar aos antigos ladroes e dissolutos da monarchia.

ECOS E CONSIDERAÇÕES

Presos politicos

O *Algarve*, muito preocupado com os presos politicos de Portimão, e talvez lhe sobejem razões, diz no seu ultimo numero:

«A República não é este proceder violento e barbaro de sequestrar ao convívio social quem contra a sociedade nunca delinuiu nem cometeu qualquer ato que a ofendesse!»

Se para o prestigio das novas instituições é preciso fazer este sacrificio da dignidade social, pois é contra a dignidade o praticar taes violencias, então que ninguém diga que a bandeira republicana significa o direito, a justiça, a egualdade e a fraternidade!»

O *Algarve* terá muitas razões, nem pretendemos duvidar de que as tenha, mas em vez de se queixar abstratamente da República, não seria mais razoavel e mais acertado queixar-se das autoridades que ordenam e consentem essas violencias do direito?

Porque se não queixa do desastrado governador civil, que é, no principio e no fim de contas, sobre quem pesam as responsabilidades de tão grandes arbitrios?

Porque se não queixa d'essa nefasta creatura que só tem feito disparates e ilegalidades?

Não quer, não? Pois vá-lhe dando chá e doces.

Registo

Do *Algarve*:—«Chegou de Lisboa o sr. dr. João Pedro de Sousa, a quem os seus partidarios, com a harmonica de Moncarapachú, contratada para esse fim, fizeram demonstração de boa vinda, na estação do caminho de ferro.»

Do *Distrito de Faro*:—«Regressou de Lisboa o sr. dr. João Pedro de Sousa, nosso presado colega do bi-semanario *O Heraldo*, sendo recebido pelos seus correligionarios com musica e entusiasticas aclamações.»

Duma das janelas do Centro Republicano Democrático, o sr. dr. João Pedro de Sousa agradeceu, em breve mas caloroso discurso, a penhorante manifestação.»

Do *Sul*:—«Chegou a Faro o sr. dr. João Pedro de Sousa. S. Ex.ª era aguardado na Estação pelos socios do Centro Republicano Democrático e pela harmonica de Moncarapachú.»

A sua chegada ouviram-se alguns vivas e uma grande multidão que estava cá fóra, na largo e na Ribeira, acompanhou s. ex.ª até junto do Centro, onde orou duma janela, agradecendo as manifestações que-lhe faziam.»

Da *Mocidade*:—«Chegou a Faro no dia 14 o sr. dr. João Pedro de Sousa, nosso colega do *Heraldo*.»

O sr. dr. João Pedro de Sousa teve á chegada uma vibrante recepção e, no meio de musica e entusiasticos vivas á República, dirigiu-se ao Centro Republicano Democrático, onde, de uma das janelas, fez um breve discurso, em que manifestou a leal expressão do seu profundo reconhecimento.»

Da *Alma Algarvia*:—«Regressou de Lisboa o sr. dr. João Pedro de Sousa que á capital, tinha ido acompanhar seu irmão dr. Caudido de Sousa, infelizmente envolvido no caso do 33.»

No seu regresso, o dr. João Pedro de Sousa teve em Faro uma estrondosa manifestação que deixou de cara á banda... os defensores do sr. Andrade.»

Agradecemos aos nossos colegas as suas amáveis referências, que ficam devidamente registadas.

A Canalha

O *Sul* diz que houve um jornalista que, falando aos seus partidarios, os tratou de canalhas.

Talvez. Mas é necessario distinguir: ha o povo, o grande Povo que trabalha, que é positivamente a maior força do paiz, esse povo a quem os falsarios, os hypocritas os degenerados tiveram o desplante de classificar de canalha, sem se lembrarem de que hoje hada valerm os pergaminhos e a impostura bafafa, e ha então os miseraveis, os sevanilhas, os taes falsarios, hypocritas e degenerados, a quem nos velhos tempos (e ás vezes ainda hoje!) os proletarios tiravam o chapéu e chamavam senhorês! Os primeiros são canalhas na boca dos segundos, mas é a canalha no sentido de Povo, homens sem nobreza de pergaminhos, os segundos são canalhas na boca dos primeiros, e são eles os que constituem a verdadeira canalha, homens sem nobreza de sentimentos.

O *Sul* ter-nos-á entendido? Pois é assim mesmo.

Perfis

O *Algarve* começou agora a sementeira de perfis. No seu ultimo numero impingiu aos seus leitores nada menos de nove madrigaes... em prosa.

E na pae, tanta gente perflada! Já parece um alistamento de qualquer misterioso batalhão de defensores do mestre paulino.

Num dos seus perfis, o *Algarve* saiu-se com o extravagante gracejo de dizer que um tal querubim tem o rosto misto de leite e sangue.

Por experiencias feitas no nosso laboratorio quimico, vimos que a mistura de sangue e leite, em partes eguaes, dá uma cor semelhante á do governador civil. Que nem pode ser outro o delicioso querubim!

N'outro perfil, diz que um certo anjo da guarda tem no rosto mais sangue do que leite.

As nossas experiencias acusaram-nos uma cor semelhante á do ludovico bujame.

Deve ser ele. Matamos a charada.

Chefe do distrito

A *Provincia do Algarve* diz que o chefe do distrito, quando outro dia esteve na capital, recebeu cumprimentos de velhos republicanos do paiz e as mais calorosas felicitações pela attitude firme e energica mantida por ele na administração da provincia.

Mas, ó tu! Não te lembraras de que estes processos já estão desacreditados? Quem foram esses republicanos? Cita os nomes!

Como se fosse possível!

Explicando

Pedem-nos a publicação da carta que segue:

Ex.º director do *Heraldo*.—O director do *Sul*, em vez de retificar as alevisias que vomitou contra mim, achou que seria mais consentaneo aos seus habitos fradescos, de menino de côro em S. Fiel, a ratificação das mesmas alevisias: em vez de corrigir, confirmou, em vez de se mostrar um homem de bem, mostrou unico e simplesmente que é um verdadeiro e refinadissimo jesuita.

Ao caso, ainda acrescentou que eu lhe declarei não ser *afonsista*. Pois mentiu. Nunca lhe disse tal coisa. O que eu lhe disse é que fui sempre um patriota, que me sacrifiquei pela implantação da República para escorraçar do paiz os que eram eguaes a'ele; o que eu lhe disse é que em paga dos meus sacrificios, levados ao extremo (e o *Sul* não o pode negar) tive até hoje unicamente o desprezo dos poderes publicos, que tanto me devem. E por degradante contraste, ele e outros do seu estofa, andam por ahí cheios de grandezas, á custa do Povo, e a trair o mesmo povo!

Muito lhe agradece a publicação destas duas linhas o que é

José Domingos Lopes.

A Política e a Verdade

Palavras do ex-ministro da justiça sr. dr. Antonio Macieira:

«Tenho visto ultimamente que esses legitimos assomos populares que são a propria gloria da Republica pela demonstração de que está enraizado na conciencia nacional, que esses esforços do povo na defeza da filha querida que nasceu em sangue, derramado numa acia de libertação para vida nova e progressiva, que essas rajadas de patriotismo, que igualam os melhores e mais fortes feitos da nossa historia, afirmando a existencia de uma nacionalidade, essa bravura, tenho visto que têm sido apelidada de «demagogia». Tomou agora nome de demagogia essa massa popular a quem os melhores o mais acendrados propagandistas do Partido Republicano inflamavam com ardentess e esperanças palavras. Foi então a demagogia que fez a defeza e guardou a vida dos padinos da ideia nova; foi ela quem souinou a Republica e lhe forneceu os melhores corações e os mais decididos braços para a implantar; foi ela quem cuspiu a monarchia dos paços que não merecia nem honrara, metralhando-a com pontaria certa de vencedor; foi ela quem guardou os bancos e as casas dos ricos; foi ela quem perdoou muitos erros e esqueceu muitas faltas; foi ela quem guindou ás mais altas culminancias os homens da Republica; foi ela quem defendeu essa mesma Republica, que gerou; e foi ela, sim, essa massa, que ora recebe o nome de demagogia como suprema injuria á andacia, ao valor, á dignidade civica, á esperança no futuro de uma Patria redimida por uma revolução generosa que impressionou a politica mundial.»

«Na mais conciente deturpação da verdade historica já se tem ouvido lembrar a época do Terror, recordar o tribunal revolucionario de Robespierre, como analogia ao que se tem passado entre nós. A audacia d'esses criticos embaladores da *talassaria* desarmada, só corre paralellas com a paciencia com que se ouvem aqueles de cuja generosidade se abusa. Adotou-se entre nós o termo *demagogia* para deprimir os que amam a Republica para a não quererem ver adulterada. O povo protesta vendo falseada a Republica? É a demagogia que ruga as suas coleras tricolentas! O agrupamento partidario que mais se impõe no parlamento pelo seu numero, pelas suas obras e pelas suas ideias de governo faz quadro em defeza do que supõe, com o auxilio da opinião publica; ser o desejo da soberania nacional? É a demagogia parlamentar reflexo da colera da demagogia da rua! A imprensa republicana espelha as opiniões do povo, pede o castigo dos que o que rem irar, revolta-se contra uma politica de compadrio? É a demagogia jornalistica que faz correr da pena a ira da massa anonima, enlathendo-lhe os desmandos e estimulando-lhe as furias!»

«Se a demagogia é povo e outro não pode ser o significado, tal como o termo é empregado, o Partido Republicano para esses criticos está então na demagogia, dando-se o curioso paradoxo desta demagogia assentar todas as suas ideias e todas as suas obras no lema: «educação, trabalho, ordem e progresso!»

«Mas para que tanta recriminação? Porque não deixam diluir-se o que por si mesmo se aniquila? Que receios são esses de que cresça e prepondere uma demagogia desenfreada quando a historia sempre a condenou e pulverizou? São os natraes receios de afrontar a verdade de olhos abertos. Por toda a parte do paiz se nota a efervescencia com que os homens se agrupam em volta do Partido Republicano. Porque? Porque ele representa a politica feita de desinteresse, patriotica, que não solicita partidarios, nem promete situações. Um partido politico não se organisa seriamente para fazer de

uma patria *propriedade* sua, onde se distribuem quartos para pernoitar. Esse era a grande mal dos partidos descaídos que afundaram a monarchia.

«Basta-nos o peso do numero e da justiça vaidosa abnegação; basta-nos a força de opinião publica que fiscaliza, vê e percebe para seguir e apoiar quem tem razão. Em todas as situações politicas, os democratas, integrados no partido republicano, tem mostrado que nunca levantaram como nunca levantarão quaesquer situações difíceis á Republica. Essa carolice republicana e que aparentemente os prejudica como agrupamento politico, porque parece coloca-los em situação inferior de servir clientelas, é que lhes garante o auxilio da opinião publica, dando-lhes uma força que é vigorosa e sólida, o que nos não seguamos do partido republicano é simplesmente transitório e fictício. Grande ou pequeno o nosso partido, pouco importa, ele seguirá sempre a antiga orientação que trouxe a implantação da Republica, e deseja a sua consolidação. Quem quizer agrupar-se em volta da nossa bandeira encontra a porta franca e a recepção carinhosa. Simplesmente precisa de não se lembrar da monarchia e dos seus processos, trazendo uma folha corrida insuspeita.»

«Os monarchistas confessos que aceitam uma monarchia de barrete frigio, os ambiciosos desmedidos que medem cada passo por cada ambição, os tolos irremediáveis que têm a inconsciencia por base de suas ações, esses que batam a porta que os sirva á recepção que os acaricie, não á nossa, que se não abra.»

CARTA DE LISBOA

PEDRAS DO CAMINHO

Uma tarde, que nos deliciava o espirito. Nem calor nem frio. O sol, a cobrir-se de nuvens, desperdiçava para outros lados o seu calor asfixiante e a nós, miseros mortaes deste pequeno paraizo de lindos otonos, deixava-nos gozar a amenidade enebriante das famosas tardes do sub-céu portuguez.

Já cansado do bulício fatigante de Lisboa, quiz espiar os olhos e o espirito na largueza de novos horizontes, á beira mar, e então, lá fui em busca do semi-direto que ás 16 horas e 15 minutos partia do Sodré para Cascaes.

Oeiras, 2ª classe—220 reis. A hora da tabela, o chefe da estação deu o sinal de partida, a maquina silvou, entre constipada e rouca, e logo as progressivas carruagens se moveram, impelidas á sua fama, que principiava de manhã e terminava á noite, e foram coleando nos rails, desde a mansidão á correria veloz, até Paço de Arcos, até Santo Amaro, até Oeiras.

E o comboio seguiu e eu fiquei. Depois, corri para uma vagonete que em doze ou quinze minutos me devia conduzir ao forte de S. Julião da Barra. A historia dessa fortaleza amedrontava-me. A tradição contava a seu respeito as coisas mais horribes e edificantes. Ai, tudo n'outro tempo eram crimes e criminosos, horrores, vilezas e miseraveis.

Deparei com esse amontoado secular de granito, escondido lá em baixo, no seu aspecto monstruoso e terrorista, na apparencia de frio sepulcro de vivos, e logo me senti dominado do terror que noutras eras infundiram essas moles gigantes de pedra, em cujo seio imperavam a escuridão e as lagrimas, o desassocego e a morte.

Para entrar, não vi a sentinela. Mas entrei. E aquella atmosfera em que sonhava tantas opressões, varreu-me do espirito a desconfiança e o terror.

A dez ou vinte passos da entrada, vi-me n'um cerco de pedras, carregadas de velhice, de ferrugem e de desprezo. Depois uma ligeira ponte, umas escadas de poucos degraus, um tunel de meia dozia de metros. E tudo atravessei, ninguem me dificultava os passos. Apenas um vago receio, adquirido pelas recordações dos velhos supplicios e nada mais!

Lá dentro, um amontoado de casas, umas ordinarias, outras melhores, alinhadas em ruas ou formando largos. Passava junto de mim um grupo de três mulheres deliciosas, aparentemente solteiras, a sorrir, com doidos sorrisos de misterio e de prazer. Ouviam-se mais adiante os acordes maviosos dum piano tocado por mãos insufladas de sentimento. Ali perto em rancho de creanças bonitas e alegres, aos saltos, em brinquedos e gargalhadas. Aqui, um soldado, ali um sargento ou um official, e todos em liberdade, com aspecto admiravel. E no entanto alguns eram presos.

Vi um estabelecimento comercial, uma casa de correio e telégrafo, e um posto semafórico.

Enfim, muita comodidade, muita gente, muita alegria: um povoado, uma aldeia á beira mar.

Subi ás muralhas. Para todos os lados, um horizonte largo é uma vista agradável, que me prendia os sentidos. Só tive pena de ver, junto da estrada que vinha dar ao forte, uma cruz alçada que ali existe para testemunhar aos vindouros um crime que a vileza do passado havia cometido.

Era o tumulto do general Gomes Freire, que mais abaixo fora condenado á morte e que durante largos tempos estivera encarcerado na torre do forte, que se levantava altaneira a dentro das muralhas.

Passava no mar, ao lado do Bugio, um vapor meio colosso, que por ser quasi noite corria apressado, para chegar a Lisboa á hora do desembarque. Era branco e chamava-se *Thalia*, sem allusão talvez a uma das tres graças, a uma das nove musas da mitologia. Transportava uma grande quantidade de passageiros, alemães que com chapéus e lenços acenavam para o forte. E eu correspondia-lhes.

Mas tinha que ver alguma coisa mais. Deixando as muralhas, onde peças inutilizadas impunham terror a quem as desconhecesse, fui ver os condenados a deportação militar. Alguns eram rapazes de boa apparencia, outros, uns miseraveis. Todos estavam condenados, todos tinham que partir para o exilio. E todos seriam criminosos?

No pavimento da calçada, havia umas fauces abertas, gradeadas, por onde ás entranhas do solo, familias, espreitavam á humanidade. E era por ali que nos tempos do terror, quando os homens se tratavam como feras, saíam os queixumes tristes e doidos dos cidadãos que os tribunaes, os algozes e os costumes sequestravam ás suas familias e ao convívio da sociedade.

Desci até lá, por umas escadarias que se franqueavam á toda a gente. Ao fundo das escadas, já num logar onde os passos eram indecisos e mal se respirava, encontrei uns corredores em cujas paredes lateraes ainda hoje havia portas de mas-morras. Espreitei por algumas d'essas portas. Não avanciei para dentro, porque tive receio de que a terra e a escuridão, com fome de tantos anos, me devorassem. Eram as antigas prisões, que não tinham ar nem luz, e onde em compensação havia humidade e vermes. Algumas ainda tinham lá em cima uns pequenos respiradores por onde entravam claridades esbatidas.

Nessas havia monturos infetos, talvez reliquias dos miseraveis que ali foram enterrados. Nas outras, de cuja existencia se conhecia porque existiam as portas, nem eu sei o que poderia haver, mas desconfio que eram talvez imundicias de mistura com os ossos dos prisioneiros que ali morreram abandonados.

Voltei para cima, que já me sentia mal-nessas antigas sepulturas de vivos. Respirei de novo o ar iodado da beira-mar. Subi outra vez ás muralhas, para gozar as tonalidades do crepúsculo. Olhei saudoso para todos os horizontes, disse adeus á praia, cujas aguas se vinham espreguicando nas arejas, e pouco depois, já de longe, dizia adeus ao forte.

E regresséi a Lisboa.

Sertorioano.

FILOSOFIA PRÁTICA

PENSAMENTOS

O amor, no seu estado social, talvez nada mais tenha de razoavel do que a sua loucura característica.

Rivarol.

A mulher é o maior flagelo existente.

Schrupp.

A vida ativa é o mais poderoso escudo da vida.

Touterelle.

O maior mal da terra é a inveja.

Ulender.

Não ha néscio, que não seja amigo de pompas e riquezas.

Padre António Vieira.

O egoismo é uma doença de caracter epidemico e resultante da luta pela vida.

Wanhener.

A lealdade e o valor são as armas mais precisas a um soldado.

Xenofonte.

Um enterro com muita pompa e riqueza é um ultrage irrisorio em que o morto transformado em idolo, desperta a cubicia dos vivos.

Yvosine.

O trabalho-intelectual é o mais mal remunerado.

Zola.

MAIS ECOS E CONSIDERAÇÕES

Reconsiderando

Tinhamos resolvido não ligar a menor importancia ás infantilidades do Sul. Mas, reconsiderando, chegamos á conclusão de que é uma obra de misericordia *torcer os pepinos enquanto são pequeninos* e por tal motivo eduquemos esta creança a ver se conseguimos reprimir os seus costumes de sacristia e de taberna.

Finura politica

As verdades amargas trazidas a lume neste jornal sob a designação de *Finura politica*, foram pontas de fogo applicadas na pele dos *baloucionistas*. E como a retorica nem sempre tem força para tapar os olhos áqueles que veem a verdade, elles, os *baloucionistas* de Faro, apenas se limitam a choramingar jesuiticamente, dizendo que a *degradação dos nossos costumes é de tal ordem, que se tomba dos que têm caracter e dignidade!!!!*

Puseram-se mais tres admirações por nossa conta para reforçar a chorinqueice dos homenzinhos.

E acrescentamos: Em relação á dignidade pessoal do sr. Antonio José de Almeida, só um despeitado a porá em duvida. Neste sentido respeitamos a sua grandeza. Mas no artigo *Finura politica* somente foi censurado o velho republicano que, feita a Republica, tem comprometido altamente a sua obra de propaganda no tempo da monarchia, fazendo sempre á sua palavra de revolucionario.

Foi o que se quiz dizer e é o que se diz. E pouco faz ao caso que os *baloucionistas* gotejem lagrimas e murmurem cantochões.

Mexericos

O *Algarve*, com desejos de mexericar, deixou espiche, por sua conta e risco, annunciando que a *cedencia do coreto municipal*, á filarmónica de Moncarapacho, no dia em que veio de Lisboa, o sr. dr. João Pedro de Sousa, obedeceu *única e exclusivamente* ao proposito de se proporcionar alguns momentos de distração ao publico que frequenta o jardim.

E faz o reparo no intuito de se não darem falsas interpretações.

Pobres diabos! Quem pediu aos senhores do *Algarve* tão irrisorias e desconchavadas explicações?

De que a filarmónica tocou em honra do sr. João Pedro de Sousa ninguem o duvida, porque foi para isso que os seus amigos a contrataram. A que titulo vieram então as explicações do *Algarve*? Para salvaguardar as tendencias politicas dos vereadores? Mas quem as poz em duvida? Pois não sabemos que na commissão municipal administrativa só ha evolucionistas e talassas? Bem sabemos que não ha demagogos. E alguém por ventura os ficaria assim considerando, mesmo na hipótese de terem cedido o coreto para que a filarmónica tocasse em honra do sr. dr. João Pedro de Sousa?

A *cedencia obedeceu única e exclusivamente ao proposito de se proporcionar alguns momentos de distração aos frequentadores do jardim*. Apregha invejosamente O *Algarve*.

Duvidamos de que os vereadores fizessem sobre este caso o mais ligeiro reparo, pois temos a plena certeza de que a *cedencia do coreto* nunca para elle nem para outros ándot ligada á intuições ou caprichos politicos, mas O *Algarve*, no seu velho habito de mexericar, hade ser sempre o mesmo *Algarve*!

Liquidando

—Adeus, Alice. Onde vaes?
—Vou á *liquidação*. Quero ver se consio por quatro patacos a mobiliados coisos.

—Quaes coisos?
—Os *baloucionistas*, que puzeram em leilão os tarcos lá da casa.

CONVERSANDO...

Toda a gente, neste mundo, por mais completa que seja, ou que se queira fazer, por maior que seja também o seu grau de educação civica, tem um demónio de um *pecadilho*, que não ha meio de se ver livre d'elle por mais esforços que faça para o conseguir.

E um monstrosinho bem forrado que nos espicaça, quer de dia quer de noite, quer de verão quer de inverno, don don.

E é a D. Curiosidade.

Esta senhora é a causa de grandes intrigas, desavenças, queistunculas e bernardas, obrigadas muitas vezes a pancadaria bravissima.

Tenho jurado não ligar *nenhuma* a esta inconvenientissima estouvada; mas ella faz-me taes gaifonas, desenvolve tanta astucia, teima com tal meiguice...

que muito embora eu não queira, vou sempre no *embrulho*.

Hontem, no café do Ignacio Branco, tão branco, que por sinal se não confunde com o *bujamé*, enquanto meia duzia de patos, compravam ao tio Cavaco fixas para a santa batotinha automatica, batotinha *inofensiva*, que o sr. commissario de policia tão *escrupuloso* em questões de jogos de azar, não sei por que razão a permite—*altos misterios*—observei uma conversa entre o conhecido Espargó Murcho e o Antonio das Teclas, que passo a contar:
—Pois é isto que te digo, meu caro Espargó Murcho: O Machado é o *tratlante* maior que tenho conhecido até hoje.

—E' verdade! Mas juro á fé de Antonio das Teclas, que as ha-de pagar com lingua de palmo. Já meti o meu braço até onde pude, para o inutilizar. E como vê, já está suspenso, precisamente na altura em que as execuções dão bons lucros.

O resto... a seu tempo.
—Sim, sim; menino! Mas... eu tenho medo... Ele não tem papas na lingua e dá cabo de nós. Palavra... que tenho medo!...

—O Espargó Murcho!... Tu és homem, ou quê?

Não sejas tolo. Então os palcos que eu tenho largado na Havana não valem de nada?

—Mas como é que tu arranjias essa cantiga para elles te acreditarem!?

—Muito simplesmente. Finjo-me de vitima, dando á voz uma inflexão suave e doce; bandedo-me todo, o que influencia bastante no animo dos *habitués*, e acabo por dizer, que tud é falso.

—Acho, tão pouco!

—Parece que ignoras que todos lêem pela mesma cartilha que nós lêmos.

—Odiabo é aquele maldito dizer por toda a parte, que a gente costuma meter *borboletas* no santuario angusto do nosso secretario, com fins... fins.

—Que chegam ao fim preciso. Mas que tem isso?

—O que tem? Tem apenas uma sindicancia do tamanho da legua da Póvoa que empandeira com a gente para casa do diabo.

—Diz-se que é mentira.

—Do que vale mentir! A verdade brilha sempre através de tudo: o diabo é torto. Vês o que tu ganhaste com a tua tolice? Entalaste-nos a todos. E ainda agora a proccissão vai na praça. Eu nem-me quero lembrar.

Quando passar em frente da Havana, o andar das oferias, o crucifixo da contribuição industrial, cravejado a gorjetas, *safiras* e charutos dos de marca X. P. T. O. *topázios*, o triste sudario dos *criados* nas passagens de predios, o palió dos processos de habilitação para pagamento da contribuição por titulo gratuito, oneroso ou direitos de mercê, pintado com o sangue dos desventurados contribuintes, acaba-se o mundo.

—Ora! adeus. Entre mortos e feridos alguém ha-de escapar.

—Pois, sim. Fija-te na virgem e não corras veras o tranbolhão que levas. Sé ele até já diz por ahí que no caso de não vir por estes dias a sindicancia á repartição de Finanças vac mandad todos os dias um telegrama ao ministro, pedindo-a, enviando ao mesmo tempo copia para todos os jornaes da capital.

—Nesses casos... pa... página!

—*Peia verde!*

Nesta altura paz-me ao fresco com receio de que eles me descortinassem occulto pela columna central do café do Ignacio e que me apalpassem as costas segundo o que elles prometeram á todos os *democraticos*, sem coragem para o fazer. Valentes como Sansão, depois de morto!

Velino.

DIA HISTÓRICO

25 de setembro

1472—Afonso V concede o titulo de condes de Arganil aos bispos de Coimbra.

1534—Morte do papa Clemente VII.
1744—Nasce Frederico Guilherme II, da Prússia.

1810—Combate de Rula.
1910—Os corticeiros portuguezes declaram a greve geral.

26 de setembro

1513—Descobrimto do mar Pacifico por Vasco Nunes do Balboa.
1812—Primeiros assaltos do castelo de Burgos.

1815—Tratados da Santa Aliança.

27 de setembro

1538—Defeza do segundo cerco de Diu.
1540—Paulo III aprova a constituição da companhia de Jesus.

1810—Batalha do Bussaco.
1910—Comemuração solene do primeiro centenário da Batalha do Bussaco.

Cartas da Serra

IV

A RIBEIRA DE BOM-URZE—REBENTOS, RENOVOS E TAPETES DE VERDEJA—O «RASMALHO»—TENEPROSO ASPETO DA CHARNEGA ALENTEJANA—MATURAÇÃO Á VISTA: ASPETOS DESMORABRANTES E VARIADOS—UM COSMORAMA ESPLENDIDO—OS ZIGUE-ZAGUES DA ESTRADA E OS SEUS AMPLICISSIMOS «SINUS»—SOBREIRAS, PINHEIROS E ALFAROBÉIRAS, TIPOS PREDOMINANTES DA FLORA REGIONAL—A MURALHA CICLÓPICA DAS ROCHAS—O «RAMAL», AS «CALDAS» E OS EUCALIPTOS E PLATANOS DA ESTRADA—A PONTE, O «LAGEDO» E O «MIRANTE»—PEDRAS IRREGULARES E ESCADARIAS MONUMENTAES—HORIZONTE VASTÍSSIMO, AR LAVADO E TRANQUILIDADE—AS ONDULAÇÕES DE UM GRANDE MAR... PETFIFICADO—MONTANHAS AZUES TOCCADAS DE VERDEJA—SOBREIRAS QUE SE ESPERGUICAM E PINHAES QUE SE ESTENDEM EM MAGESTOSA COLUNATA—UM LINDO «VELARIUM» VERDE—GRANADAS E OBUSES—UM TIROFOTO DOIDO EM PLENA SERRA—A FOLHAGEM BENDILHADA DAS ACACIAS, OS SEUS CACHOS DE BACOS DE OIRO E AS PROEZAS DOS ZÉFIROS—O GRANDE POVO FRATERNAL DAS ARVORES—O QUE ELAS ENSEINAM AOS HOMENS—UM EXERCÍCIO DE PAZ E DE TRAUHLIO—HARMONIAS BARBAHAS E AGUAS CANTANTES—EM PLENO «SABAR»—ESQUELETOS, SATAN E MÚTICOS INFERNAS—DEVANEIOS E CONSIDERAÇÕES FILOSOFO-FANTASTICAS E ETC., ETC.

A estrada, transeuros e plaios que se alargam em vârgens amplissimas banhadas pela ribeira de Boina, em grande parte orlada de uma vegetação tenra, em que se adivinha toda a lenta elaboração da Natureza, traduzindo se nos rebentos e renovos das arvores, no crescer opulento do rosmarinho saudoso, no verde bronzado e humido das estevas e na fina florescencia lilaz da urze, irrompendo por entre tapetes de relva, torna-se agreste, selvatica, logo acima do sitio denominado *Rasmalho*.

Por vezes o aspeto desolador da charneca alentejana surge á nossos olhos, impregnando-nos, absorvendo-nos com a sua tristezza desoladora e avassalante...

Mas é apenas um realce, um cenario tenebroso ali disposto só para intensificar a visão deslumbrante dos aspetos que, logo apoz algum tempo calcuiriada a estrada, nos estão reservados como deliciosa surpresa.

E' todo um variabilissimo e esplendido cosmorama que vem impressionar os nossos olhos mortaes.

São mil aspetos varios que surgem ante a nossa vista.

A estrada cortada entre rochas abrutadas, segue n'uns interminaveis zigue-zagues em cujos *sinus* amplissimos, se desdobram mutuações e visualidades de uma infundavel variante.

E assim vai, através da serra, de um lado orlada de sobreiras, pinheiros e alfarobéiras—tipos predominantes da flora regional,—do outro limitada pela muralha ciclópica das rochas talhadas a pique, amplo listelo aberto a dinamite no dorso das montanhas coroadas de vegetação.

Assim até ao *Ramal*, onde se bifurca para as *Caldas*, estancia pitoresca, criminosamente abandonada pelos governos ao desleixo, de um concessionario inepto, e para Monchique—a Cítria do *Algarve*,—segundo através do *lagedo*, cujo declive domina com a sua ponte de um só arco.

A seguir, junto do *Chalet Cochado* e da escadaria justica que dá acesso á remansosa e pequena esplanada dos *tanques*, iniciam o seu dominio de suavidade e frescura os eucaliptos e platanos que n'aquella parte da estrada en-sombram a casaria rustica da gente humilde que por ali vive.

O *mirante* fica mais á quem, dominando o *lagedo*.

Ergue-se ativo, sobre um comoro, mais elevado do que todas as alturas proximas, dominando-as com a desconjuncta parede de pedras irregulares e policomas, em cujos intersticios crescem arbustos silvestres.

De um lado servem-lhe de base rochas enormes, revestidas de musgo e cobertas pelo variegado tapete das folhas secas que o outono estende sobre a terra, formando como que uma escadaria monumental por onde só Ciclops poderia preparar á altura do *mirante*.

Do outro, uma vereda corre suave sob arvoredos calmos, repleto de sombras e frescura.

Em cima, o *mirante* tem a forma má esboçada de uma enorme ferradura abrindo para o lado da vereda da mata.

Sitio propicio á meditações e devaneios, é vastissimo o horizonte que d'ali se descortina, abrangendo uma mul-

triplicidade de aspetos que deslumbra. Ao longe, montes azulados pela distancia, ondulam, lembrando as vagas de um vasto mar petrificado sob a influencia poderosa de algum estranho deus.

Depois é o perfil mais distinto das montanhas proximas, de serros toucados de verdura, cheios de tranquilidade e silencio de onde as sobreiras com os seus troncos contorcidos parecem espinguicar-se voluptuosas sob as doçuras de um azul esplendido em que rutila um sol de ouro.

Mais além é um pinhal que estende a sua magestosa colunata fina, elegantissima sob o grande velarium verde, formado pela junção da sua folhagem acerosa, aqui e além mosqueada, pelas pinhas, lembrando mil granadas e obuzes, cravados n'um alvo verde, após o tiroiteio doído em plena serra...

Bem perto da estrada do mirante, junto das grandes pedras azuladas, que lembram enormes tartarugas dormitando ao sol, irrompem magestosas e elegantes as acacias de folhagem rendilhada e finissima, perfumando o ar com a sua florescencia de um aroma subtil e devaneador, contido em cachos de bagos de ouro que Zéfiro invisíveis e irrequietos se entreteem a pulverisar, transformando-os em finos tapetes desdobrados em volta dos troncos belos e lizos.

Longe, muito longe, lá ao fim da garganta formada pelo illusorio encontro das vertentes da montanha, o horizonte dilata-se, indefinido e vago, a terminar por uma bruma azulada onde tudo se confunde e apaga qual contorno delineado pelo fumo tenue quando ascende no ar sereno e limpido das manhãs da serra.

São aspetos dignos de ser vistos e sentidos e que só suggestionam idéas de paz e de repouso.

Não ha povo mais fraternal do que as arvores, repartindo mutuamente as suas sombras, os seus frutos e os seus perfumes.

Estendendo umas para as outras os seus troncos irregulares e caprichosos, em abraços de uma cordialidade de irmãos, elas parecem ensinar aos humanos as boas regras de uma vida nova, baseada no respeito mutuo e na absoluta independencia individual, só limitada pelas circunstancias mais ou menos adversas do meio.

Linda, sedutora, impressionante, essa bela falange das arvores, marchando em larga columna pela montanha, qual exercito de paz e de trabalho incumbido de dispersar sobre o terreno improdutivo a abundancia, a sombra e o perfume!

Dos regos fundos, entre os vales umbrosos, sobem rumores vagos, cristallinos, harmonias barbaras, cantadas pelos veios de agua, que serpenteiam por entre tufos de vegetação e que refulgem ao sol, palhetados de laminas de prata e á sombra, nas horas calmas da manhã, parecem farrapos do seim azul do ceo, dispersos entre a vegetação tenra e mimosa que por ali nasce, sobre os mateiros fertiles, sobre a terra húmida, cheia de humos e de vida.

Seria insensatez tentar descrever a multiplicidade de aspetos que qualquer rincão da terra assume sob a influencia variante da luz solar.

Todos esses aspetos se transformam, se transfundem e atingem toda a sua sublimidade tragica depois que o sol extingue o seu braseiro esplendido, de carmim e ouro, por detraz do dorso gigantesco das montanhas.

A paisagem, toda envolta em sombras, destaca-se em grandes manchas que pouco e pouco se confundem n'uma grande massa de trevas em que se diuem arvores, terra e pedras.

O ceo distingue-se do sólo, contornando-o com a sua gaze marchetada de estrelas.

Então, n'essas horas de misterio e de tristeza, é que o mirante assume, quanto a mim, toda a grandiosidade da sua situação privilegiada, destacando o seu vulto agressivo de escultura rude na claridade do ceo.

E' todo um cenario de Sabat que surge a nossos olhos maravilhados ao contemplar aquele rincão áquelas horas silentes, repletas de tristeza e misterio.

Ali, a meio do mirante, bem podia erguer-se o improvisado trono de Satan; á sua frente, na abertura, bem podiam vir sentar-se musicos infernaes, tangendo instrumentos macábrs, á luz vacillante de brandões funereos, empunhados por esqueletos grotescos, e os mortos, — toda a imensa legião constituída pelos extintos que por aqui teem passado —, bem podiam vir, n'uma sarabanda fantastica dançar suas farandolas redopiantes em volta do sublime genio do Mal!...

Podiam dançar... dançar muito, dançar até que o pesado manto das trevas começasse a ser esfarrapado pelos jatos luminosos do sol nascente. Depois, quando uma vaga penumbra

pairasse sobre a serra, aclarando gradualmente todo o vasto e imponentissimo cenario da Natureza adormecida, bem podiam todos esses espiritos fantasticos, ideados por um espirito doentio, deslizar rapidos, quaes aves de rapina, sobre os abismos escancarados, abertos pelos vales no escuro bojo das montanhas...

E assim, feitos fumo e devaneio, evolar-se-iam como o subtilissimo perfume das estevas e do rosmarinho, ao primeiro dardejear dos raios do sol triunfante!...

Lisandro.

ALCOOLISMO

Alcoolismo é toda a serie de doenças produzidas pelo abuso prolongado das bebidas alcoolicas, (aguardente, absinto e licores, etc.) ou das bebidas fermentadas, e ainda pelo uso constante, embora não exagerado, d'essas bebidas.

Não confundir o alcoolismo propriamente dito com a embriaguez, porque esta pôde ser um simples accidente, sem deixar no organismo graves vestigios da sua passagem, e aquele é uma consequencia, um efeito, que o alcool foi lentamente preparando, e que, a maior parte das vezes, não tem cura.

Feizes aqueles que pensam nos terribes efeitos do alcool ou do abuso do vinho e se regeneram.

Eu cairia fatalmente n'esse abismo, se a minha intelligencia estivesse completamente embotada, mas não, não ha yicio que resista á vontade do homem.

Assim, devemos considerar duas especies de alcoolismo: — o alcoolismo agudo ou embriaguez, intoxicação passageira, e que só oferece gravidade quando se repete; e o alcoolismo chronico ou alcoolismo propriamente dito, intoxicação lenta, traçoira, que só se manifesta depois de atingir um certo grau de desenvolvimento, consoante á resistencia do individuo, a natureza do alcool e as doses ingeridas.

O aspeto do alcoolico acusa as maiores desordens organicas: — a fisionomia adquire um cunho de imbecillidade; as mãos tremem-lhe, o andar torna-se indeciso, o passo arrastado; as forças diminuem; não se pôde erguer do leito, senão a altas horas do dia; a vontade do trabalho desaparece á medida que a intelligencia se emboia, tem sempre a boca seca; a deglutição dos alimentos solidos opera-se a custo; o appetite desaparece; o figado, os rins, o coração, o estomago, a espinhal-medula, transformam-se, aruinam-se.

E esta terrivel decadencia do organismo conduz ao delirio, á epilepsia, á alucinação mental, ao suicidio e em qualquer d'estes precipicios encontra o alcoolico o fim da sua triste existencia.

Depois, o alcoolismo chronico é um mal tão infinitamente grande, quanto é certo que ele não só degrada e perde o individuo que o contrae, mas tambem lhe atinge e fere os descendentes, de um modo pavoroso: os filhos dos alcoolicos quando não morrem no decurso da primeira infancia, nas mais angustiosas convulsões, são sempre individuos degenerados.

Á abstenção do alcool impõe-se como uma necessidade imperiosa.

Os igienistas acham-se convencidos de que só a instrução, com o facho beneficiador da sua luz radiante, poderá fazer entrar o homem na justa comprehensão dos seus atos, e, pela elevação do seu nivel moral, ensinar-lhe a defender a vida, respeitando a saude,

Faro, XXII-IX XII.

José Martins da Cunha.

Noticias de instrução

Foi superiormente aprovado que qualquer professor nomeado durante as ferias para as escolas primarias possa tomar posse das mesmas no principio do proximo anno letivo.

—Na escola official femenina de S. Sebastião de Loulé, foi creado um 2.º logar de professor.

—Foi reintegrado no magisterio primario a professora diplomada D. Rosalinda Rodrigues de Passos.

—Os livros de ensino primario no proximo anno letivo são os até hoje adoptados.

—Os professores diplomados que quiserem servir interinamente em qualquer escola, devem fazer uma declaração em papel comum, na qual, dizendo nome, naturalidade, residencia, valores e escola por onde foram habilitados, indiquem quaes os circulos onde queiram servir.

—Subiram ás estancias superiores as folhas de ordenados dos professores primarios deste circulo, afim de obterem o visto para pagamento.

—Está para breve, segundo nos informam, a criação de uma escola Central masculina na sede do concelho de Olhão.

POR ESSE ALGARVE

Praia da Rocha

Continua animadissima esta aprasivel estancia.

Bailes, passeios, idilios succedem-se, quaes fitas animatograficas do mais esplendoroso efeito.

O salão concorridissimo. Ninguém que se preze ousa faltar a estas reuniões requintadamente burguezas, onde a Petulancia, o Luxo e muitas vezes o Mau gosto parecem caminhar de mãos dadas á conquista de um ideal disparatado.

Mas... não envidagremos esta despretenciosa correspondencia com os aze-lumes carateristicos do nosso pessimismo entragé.

Deixemos o foliar doidivasas e parrano d'esta população de empresitimo que todos os anos tem a gentileza de nos fazer a sua visita patusca e interesseira, e tratemos de registar nas hospitaleiras columnas do Heraldo, com a concessão de um receituário medico, as nossas impressões e este vago diz-se com o qual tanta gente solenemente embirra, mas que é— diga-se o que se disser,— fonte inexaurível onde molham as suas penas rudes os desasirados plumitivos talhados á faca, como este que tem a subida honra de vos escrever, á vós, á multidão respeitavel dos que gastam a vista e perdem o tempo na leitura dos periodicos.

Graças ao coscuvilismo da Imprensa —perdoae-me manes de Guemberg! —já toda a gente sabe que esteve aqui o sr. Paulino de Andrade e por isso não gastarei tinta em occupar-me de s. ex.ª — a quem aliás não consegui ver, porque, indisposto n'esse dia, não saí do hotel, enquanto s. ex.ª faldiscou por estas pagagens.

Isto, porém, não evitou que a meus ouvidos chegassem certos zuns-zuns galantes de que s. ex.ª, transformado pela força das circunstancias em genuino Audis dernier-cri, era o mais autentico dos heroes.

Segundo ouvi, apesar de ser relativamente pouco o tempo que por cá se demorou, s. ex.ª conseguiu inflamar a maior parte dos corações femeninos que n'esta ridante estancia curram o seu nervosismo e curriem a nostalgica tristeza do seu infurmado talassismo.

Afinidades? Misterio! Mas... deixemo-nos de referencias ao sr. governador civil. A mim proprio prometi não balir em politica na urtiltura d'estas desatavilias correspondencias e como não desejei quebrar tão sagittar compromisso, deixo o sr. Paulino em paz e ás moscas, com as suas lunetas de tartaruga, o seu fatiinho alvadio o o seu ar marcial de soldadinho de chumbo vestido á paisana.

Deixai-o! Se conseguiu agradar ao madamismo fútil e galante d'estas paragens, melhor para ele; que lhe faça muito bom proveito!

A inesperada vinda de s. ex.ª lançou, é certo, uma vibrante nota politica n'este meio nem peixe nem carne que é, em seu conjunto a Praia da Rocha, mas como não sabemos nem a letra nem a musica do coro dos conspiradores de Madame Angot que, ao que nos dizem s. ex.ª aqui veio cautar, pomos ponto no assunto, deixando em paz o sr. Paulino, as suas lunetas de tartaruga, o seu fatiinho alvadio e o seu ar marcial de soldadinho de chumbo vestido á paisana.

Procedemos assim, não só pelo exposto, mas especialmente porque um assunto bem mais interessante reclama a nossa atenção.

Nem mais nem menos do que Memé, Fanfan e Nini, galantissimas como sempre, andarem empenhadissimas em descobrir o autor d'estas mal ageitadas linhas, n'uma ancia, — dizem ellas — de patenear-lhe expressiva e significativamente, toda a gratidão de que estão possuidas pela galanteria com que foram tratadas na ultima correspondencia.

Pois não foi galanteria. Foi apenas justiça e imparcialidade.

Memé, Fanfan e Nini, a continuarem n'este significativo crescendo de sentimologia democratica, estão dentro em pouco mais, muito mais republicanas do que os srs. Afonso Costa, Brito Camacho e Antonio José de Almeida.

A' Nhónhó é que não consegui agradar com o meu arrazoado.

Paciencia! Não se pode agradar a toda a gente. De resto eu apenas lhe chamei, a ela, á sonhadora Nhónhó, a mais gentil das tassinhas que o sol cobre.

Faltei acaso á verdade? Não! Não! Fui verdadeiro como sempre e quem diz a verdade não merece castigo.

Santa Barbara de Nexe

Foram exonerados o regedor e comissão administrativa da freguezia de Santa Barbara de Nexe, de que faziam parte alguns republicanos inscritos e reconhecidos no directorio antes de 5 de Outubro de 1910.

Pois bem, mas... para mal da Republica, foram nomeados individuos suspeitos e reconhecidos reacionarios que biogrfamos: um levantou vivas ao Paiva Couceiro, quando pretendia entrar em Portugal; outro, chamado ao serviço de reserva, declarou que se o fizessem ir á fronteira, se poria ao lado de Couceiro. Isto provamo-lo com testemunhas. Outro, costuma beijar o chão onde ajoelha na igreja, e finalmente, com excepção de um que não tomou posse, trabalham todos no mesmo campo.

Era o que restava ao mestre Paulino Tacão, para acabar de fortalecer as fileiras do seu partido e para resolver a questão cultural do padre Sequeira. Segundo ouvimos; no domingo baverá, missa a quatro vozes: maestro, Tacão, Baritono, João dos Carneiros, Baixos, Cabanos e Imparcial; faltando alguma voz, servirá a requinta, Impressões, cá do sitio.

Buje, para solenisar a posse da nova junta, tocou o sino pelas 21 horas, ás almas, loque religioso que ha dois anos aqui não se ouvia, e de que a associação cultural tem prescindido. Mas foi o mestre Paulino que deu ordens, segundo nos disse o regedor que substituiu o exonerado Francisco Tacão Junior, que aqui não existe como o Heraldo já explicou.

Á tocar o sino houve foguetes, coisas do Imparcial a que um dia falaremos á saída.

O povo, em numero de dezenas de pessoas que presenciaram o loque das almas, protastou com apostimfes e assobios.

CASA SINGER

Inaugurou-se no dia 23 esta importante casa de maquinas de costura, situada na rua das Lojas. O estabelecimento, que sem duvida é hoje dos primeiros de Faro, estava lindamente ornamentado e muito bem disposto. Admiramos ao fundo, á bela obra de talha, feita pela casa Nobre; aos lados, as primorosas pinturas do conceituado artista José Filipe; e na frontaria, toda de marmore, os genias trabalhos do conhecido escultor José Paulino Fernandes.

No dia da inauguração, o estabelecimento foi extraordinariamente visitado, e o gerente da casa, nosso amigo sr. Albino Fernandes Pinto, incançavel propagandista das maquinas Singer, recebeu frequentes e justas felicitações pelos encantos da exposição.

Vimos a linda variedade de trabalhos executados nas maquinas, tues como bordados a matiz e a branco, e rendas inglezas, trabalhos de fino gosto.

As reparações e enfeites realizados nesta casa, e cujas despesas devem ter subido a 1.400\$000, constituem a melhor prova de quanto ela tem prosperado com a gerencia do honrado e zeloso gerente, que ha perto de 15 anos reside no distrito de Faro.

Visitamos o gabinete e os escritorios da casa, ficando-nos de tudo a mais bela impressão.

Agradecemos penhorados o honroso convite e as amabilidades com que nos distinguio o nosso amigo sr. Albino Fernandes Pinto, fazemos votos pelas intensas prosperidades da casa.

NOTICIARIO

Partiu para o Porto, acompanhado de sua esposa e filha, o sr. João Lopes do Rosario, com estabelecimento de ourivesaria em Faro.

— Acompanhado de sua irmã, partiu para Ourique o sr. José Pedro da Silva Pacheco.

— Partiu para Lisboa, acompanhado de seu filho, o sr. Ventura da Silva.

— Regressou de Lisboa com sua esposa e irmão o sr. José Carlos Ferro.

— A' partida do comboio n.º 964 de Vila Real de Santo Antonio, no dia 22, caiu sobre os engates da maquina o fogueiro Antonio José, que se achava em cima do tender da referida maquina, ficando com uns dedos da mão esquerda emsigalhados. Fez curativo em Villa Real de Santo Antonio e seguiu hontem para Lisboa.

A CAMARA MUNICIPAL

Está a fazer-se na central rua do Pé da Cruz, um coletor de esgoto que, pela sua pouquissima profundidade, vae impedir o calcetamento da mesma, melhoramento reclamado ha muito pelos proprietarios da referida rua. Era de justiça que a mui illustre vereação municipal mandasse estudar bem tal assunto; sendo certo que, se o coletor não pôde ser mais fundo porque o escoamento do solo o não permite, nem o coletor geral já feito o admite, se pode realmente proceder nos passeios lateraes da rua á continuação dos canos de esgoto, ali já em parte feitos conseguindo-se assim poder calçar o

centro de uma rua como aquela que hoje é das primeiras de Faro. Sendo o coletor que estão construindo, da largura e profundidade dos que em parte já estão feitos nos passeios, é de admirar que se abandone o prolongamento destes e se pretenda impedir o calcetamento da rua do Pé da Cruz, melhoramento utifissimo á cidade de Faro?

Para este assunto urgentissimo chamamos a atenção da Camara municipal.

CARTEIRA

Fazem anos:

Amanhã, quinta-feira — D. Maria Pereira dos Santos, D. Ana Xavier de Brito Teixeira Telo, D. Maria Eugenia de Abreu Brazili, D. Alda de Castro Goucalves, D. Maria Soares Pereira, D. Adozinda Celorico Pacheco, João Augusto Caldeira Rebelo, Henrique Xavier Cavaco, João Maria Fazenda, Augusto Francisco de Almeida, Alberto Napoleão Gomes, Filipo de Sousa Duarte e a menina Natália Julianna Rodrigues.

Sexta-feira, 27 — D. Leonilda Viegas Marques, D. Maria dos Remedios Crespo Mexia, D. Antonia Paula da Silva, dr. João Sabo, Antonio da Costa Piazeres, Augusto Soares Viegas, Alexandre Joaquim Tapum e o meoino Vasco Aurelio Figueiredo.

Sabão, 28 — D. Helena Mesquita Pinto Serpa, D. Carolina Augusta de Bralinda Moreira, D. Maria Eduarda de Jesus, D. Francisco do Carmo Teixeira, Antonio Luiz Godinho, Alfredo Mendes Campos, Eduardo Rodrigues de Mendonça, Pedro Francisco Alvaros de Santana e Augusto Joaquim Domingues.

Teatro

Está em Faro o Duo 5 de outubro que amanhã se nos apresenta no Teatro-Circo, levando á cena as tres seguintes peças: A mulher liberal, o Zé na escola e os Creados aiores.

E' uma recia extraordinaria, sob a direção do aprecivel ator Feliciano de Oliveira, e dedicada ao povo republicano.

Atendendo aos altos merecimentos do referido ator, esperamos que o espectralo seja extraordinariamente concorrido e belamente apreciado.

Necrologia

Faleceu no dia 23, pelas treze horas e meia, o meoino João de Sousa Rosa, de onze anos, filho do nosso amigo o reinolitor José da Rosa.

Os nossos pezarres.

ESTUDANTES

Recebem-se. Bom tratamento e preços modicos.

RUA BRITES DE ALMEIDA

Travessa do Monelavar, n.º 6 e 8

FARO

AUTOMOVEL NOVO

Aluga-se. Trata-se com Armando Ignacio Pires.

Rua Primeiro de Dezembro 52—Faro.

MARCANO

Precisa-se de um para praticar em fazendas e que tenha aqui familia.

Diz-se na loja de Lisboa. — Rua do Rego 28—Faro.

TRESPASSE

Por motivo do seu proprietario Antonio dos Santos Capela, ter montado um novo estabelecimento de livraria na rua da Marinha, onde espera que os seus freguezes continuem a admirar as belas obras que tem para vender é alugar, trespasse-se o Kiosque, situado no jardim publico d'esta cidade (antigo Kiosque das Novidades).

Quem pretender, diija-se á Livraria das Novidades, rua da Marinha, n.º 155, Faro.

ESTUDANTES

Recebem-se do 1.º e 2.º ano. Cama, meza e roupa lavada. Accio e bom tratamento; preço modico.

Quem pretender, dirija-se a Manuel Luiz Martins, estrada da Circumvalação, n.º 50, Faro.

J. SILVA NOBRE

MEDICO-CIRURGIÃO

Ex-Interno dos Hospitales de Lisboa

Garganta, nariz e ouvidos—Doenças das senhoras—Tratamento da sífilis e das senções rebeldes pelo 606 de Erlich.

Clinica Geral—Operações CONSULTAS A'S 11 HORAS FARO

A VELOCIDADE

Casa de bicicletas e maquinas de costura

ALUGA E VENDE

DOMINGOS ANGELO

RUA TENENTE VALADIM (Vulgõ Travessa dos Cavalos)

FARO

